

RECORDANDO A MINHA CASA PATERNA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA 1931-1944



Veterano Cel Eng e EM Cláudio Moreira Bento



LIVRO DIGITAL

Capa por Camila Karen C. S. Renê, com cores do Rio Grande do Sul de fundo, feita sob orientação do autor.

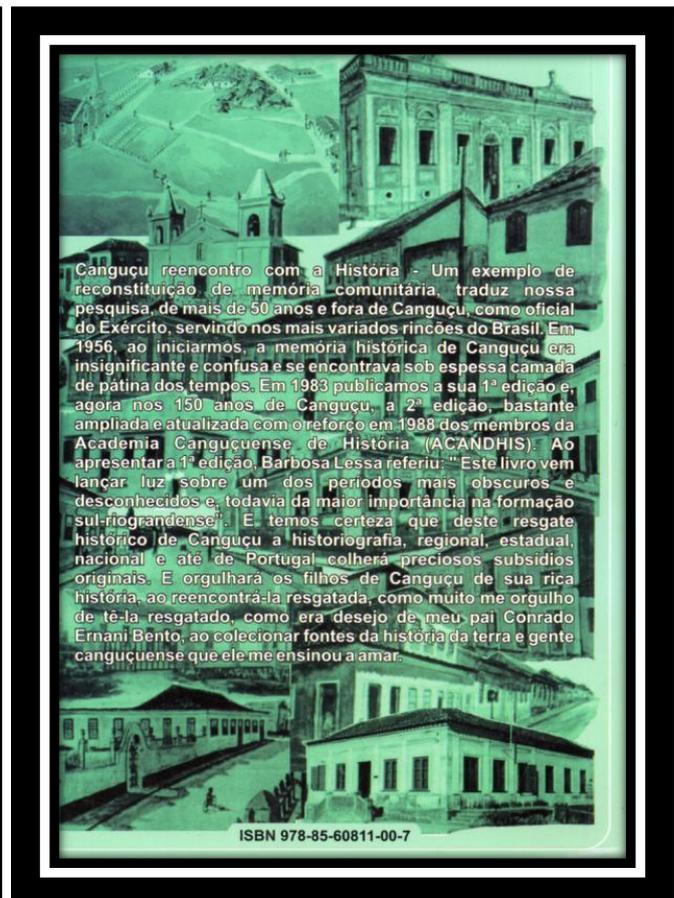
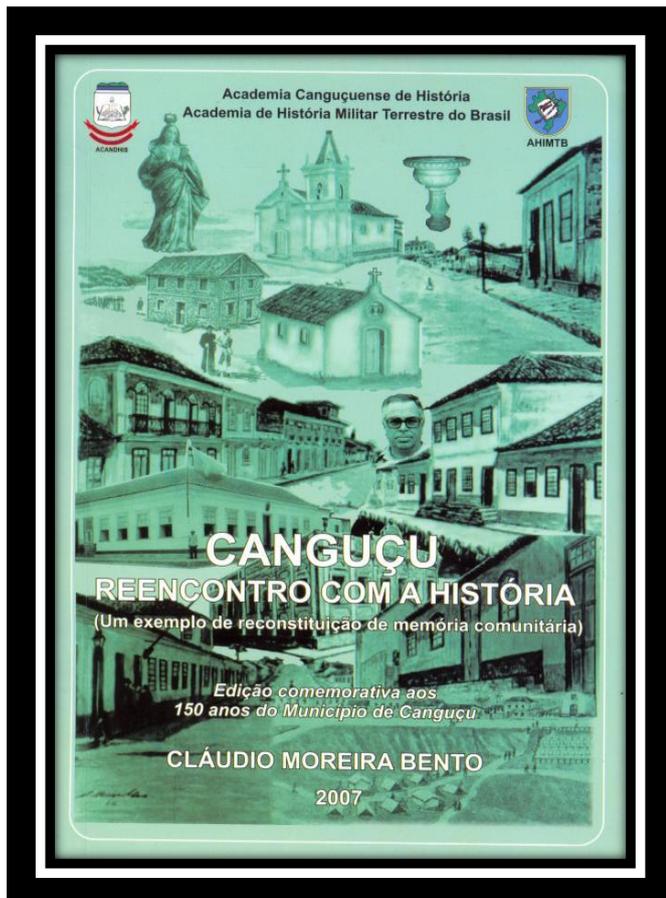
RECORDANDO A CASA PATERNA DE MINHA INFANCIA E JUVENTUDE

Procurando sua origem apurei que ela pertenceu a meu avo Carlos Norberto Moreira e que foi adquirida por meus pais por volta de 1920, e na qual introduziu alguns melhoramentos como a construção de um algibe que coletava água da chuva e fazia as vezes papel de refrescar leite e outras bebidas na falta de geladeira. Nas 3 fotos abaixo a minha presença em Canguçu nas comemorações de 60 anos de casado de meu irmão José, na sua Júlio de Castilhos no trecho entre a casa onde nasci e a Igreja Matriz, ou quadra da Igreja. Ao seu meu lado em cima. a casa onde nasci em 19 outubro de 1931e como ela era até o início da década de 40, quando ela passou por profunda reforma como ela aparece na foto abaixo, na qual foram substituídas todas as suas janelas que passaram a dispor de venezianas. Nesta reforma foi retirada as escadas que davam acesso a casa , e que foram substituídas por uma escada no interios da casa. As calçadas foram rebaixadas.



Na esquina da casa reformada figuro no centro já oficial do Exército tendo a minha direita Jaques Rocha Mota oficial da Brigada Militar e Fernando Oscar Lopes, como eu oficial de Exército. E ambos já falecidos...

Todo o revestimento da reforma executada por Edmar Montelli foi de malacacheta, então na moda A casa ganhou uma torre de tijolos sobre o alçobe para sustentar uma caixa d'água, que era enchida por uma bomba mecânica que mais tarde foi substituída por uma bomba elétrica para atender um lavatório geral, a nova cozinha, banheiro e WC no acréscimo da casa sobre a antiga garagem: a cozinha, banheiro e patente nela instalados.e com respectivas redes de esgotos que eram captadas numa enorme fossa séptica Abaixo capas de meu livro no sesquicentenário do Município de Canguçu em 2007 e de autoria de meu filho Capitão de Mar-e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento, em que preservo as casas antigas em maioria de estancieiros antes da Revolução de 1893. A casa onde nasci figura no canto inferior direito da capa a direita e na da esquerda, na altura no local da minha foto. Segundo descrição de Eduardo Wilhelmy, hoje patrono de cadeira da ACANDHIS, nas p.179/180 do meu citado livro ele escreveu para caracterizar a recessão e retrocesso econômico e social que colheu Canguçu durante e depois da Revolução de 1893 Ele conhecia Canguçu desde 1869, ano anterior ao término da Guerra do Paraguai e 24 anos antes da Revolução de 93. Informava que exceto Bagé e Jaguarão, que Canguçu era a Vila mais animada. "Canguçu era habitado por uma alegre e laboriosa população, inclusive todos os estancieiros de importância tinham casa em Canguçu e nela residiam na maior parte do tempo. Que em 1905 muito poucos restavam morando em Canguçu. Vários chefes já morreram e outros se mudaram para o Uruguai e Pelotas etc.Suas casa se vão desmoronando desde o tempo da Revolução.Outros venderam suas casa por cerca de terça parte de seu custo. Lembro somente o falecido o falecido Horacio Piegas, que a Intendência comprou em 1901 por 12 contos de réis, quando este palacete custou 38 mill réis. (É a atual Casa da Cultura).

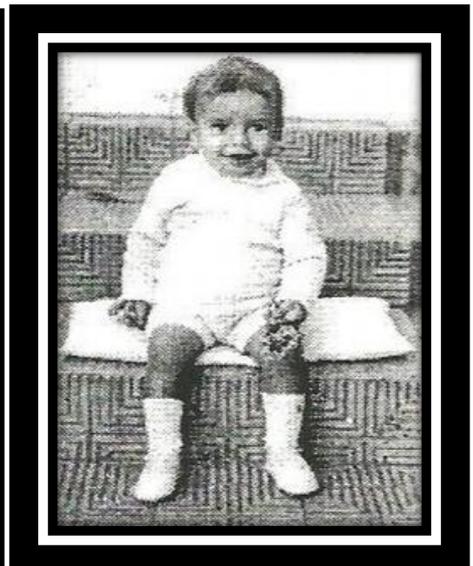


Canguçu durante a Revolução Farroupilha "foi o distrito de Piratini de mais perigo e mais farrapo." Com a Paz Farroupilha os republicanos farrapos passaram a ser perseguidos e discriminados por lideranças imperiais que passaram a dominar o cenário

político em Canguçu e dentre eles os Piegas e os Cruz. Com a República os republicanos canguçuenses assumem o poder político em Canguçu e os imperiais batem em retirada. Para tentar reunificar a família canguçuense foi fundado o Clube Harmonia pelos irmãos republicanos Franklin Maximo e Carlos Norberto. Clube que teve por sede duas grandes residências de estancieiros que deixaram Canguçu. E também a casa onde nasci uma enorme propriedade de esquina cujo terreno se estendia até a rua dos fundos. Ao ser comprada por meu pai a casa ela teve mudada toda a ferragem das aberturas. Era uma moradia enorme que meu pai foi aos poucos melhorando, possuindo um enorme jardim, pátio com garagem, galinheiro e galpão para o depósito de lenha. E a seu lado até a rua no seu fundo uma enorme horta com grande variedade de árvores frutíferas, figueiras guabiroba, limoeiro, pêsego, ameixa da índia, pereiras, laranja ao que recordo.



A casa onde nasci agora propriedade de meu irmão José Moreira Bento e sede de seu Tabelionato. Foi removido o seu revestimento de malacacheta ou pintado por cima, onde funciona seu Cartório Bento e prédio ora em reforma para melhor reinstalar o Cartório. O primitivo jardim, galpões e pátio e escada de acesso a antiga cozinha, foram removidos e transformados em estacionamento. Atrás de mim contornando o canteiro e uma cerca que conhecíamos como buxo. E a seu lado a antiga e bela calçada que conheço desde minha infância.



Acima meus pais Conrado Ernani Bento e minha mãe Cacilda Moreira Bento por volta de 1930 e grávida de mim, segundo fui informado e que viveram nesta casa por

mais de 40 anos até se mudarem para Pelotas depois de comemorarem Bodas de Ouro e onde faleceram em 1966 e 1970, estando sepultados em Canguçu, a esquerda de quem entra no Cemitério local. E ao lado o autor no dia do seu batizado em 25 Dezembro de 1932 com um ano e 2 meses. Não lembro de nada !!!



Foto próximo do algibe na Semana da Pátria de 1942, com o uniforme da Escola Nossa Senhora Aparecida, atual CFENSA, pelo fotógrafo Egídio Camargo. Da esquerda para a direita, na frente Maria Firmina Moreira Bento e Jesus Moreira Bento. E atrás Claudio Moreira Bento (autor) e José Moreira Bento. Todos com o cenho cerrado por chamados atenção pelo pai por estarem rindo com o alerta do fotógrafo. “Olha o passarinho!”



Acima local que foi o quarto de meus pais, onde eu vim ao mundo em 19 de outubro de 1931, entre as revoluções de 1930 a de 1932, e assistido por minha tia

Alice Moreira e o Dr Luiz Oliveira Lessa, afilhado de casamento de meus pais. No local da estante de livros uma enorme penteadeira tendo em cima de sua mesa um Oratório de minha mãe e uma gaveta onde minha mãe colecionava fotos da família e que eu apreciava olhar todas, as quais eu consegui preservar e doar a Mario Barbosa Mattos todas as referentes a esta família do lado de minha vó Firmina Mattos Moreira. A direita da porta que dá acesso a sala de jantar, existia uma enorme mala com roupas íntimas de meu pai e lenços bordados com EB, de uso de todos os familiares.

A porta a direita dava acesso a um quarto e mais tarde, ao escritório de meu pai. Normalmente esta porta estava sempre fechada. E a seu lado um guarda roupa. E na frente deste a esquerda uma penteadeira mais moderna tendo em cima, na parede uma pintura de uma mãe cuidando de seu filhinho. E atrás a cama de casa, de meus pais, com respectivos bidês e ao lado de meu pai um cabide onde ele pendurava roupas. Sobre o bidet de minha mãe um crucifixo de louça presente da Irmã Firmina Simon sua amiga, onde existia a esquerda da entrada um guarda roupa onde eram guardadas fatiotas de meu pai. E ao lado um pequeno móvel onde minha irmã Marpha, colecionava revistas O Cruzeiro. Muito em moda na época, nas quais eu apreciava ver charges do Amigo da Onça e lições de Jiu Jitsu de Elio Gracie que eu muito apreciava e procurava praticar..



Outra visão do quarto de meus pais com portas de acesso a duas peças, a da esquerda acesso ao escritório de meu pai. E com um armário onde costumava ler livros de História entre eles O ESPIRITO DAS ARMAS BRASILEIRAS de Fernando Luiz Osório Filho e outro de um Simões Lopes defendendo seu pai, o qual havia no Congresso matado um adversário político. E me deliciava com a sua argumentação. Mais tarde no Ginásio Gonzaga convivi com dois filhos do autor se não me falha a memória

conhecido por Fonsequinha. Neste Armário lia alguns artigos da Revista Província do Rio Grande de São Pedro, que hoje possuo toda a coleção encadernada. Meu pai possuía um binóculo e vez por outra lhe pedia emprestado. Nesta peça existia seu cofre que certa feita ao ele abrir depareicom diversas peças de prata que haviam pertencido a seu pai. A sua mesa de trabalho lembro que ele me falou que tinha sido feita pelo sr Casarin, habilíssimo marceneiro, cujo filho canguçuense Jairo Casarin, cursamos juntos a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército bem como o canguçuense Fernando Oscar Lopes. Época em que 1% dos alunos desta escola eram filhos de Canguçu.



Peça onde a família e convidados faziam as refeições diárias e na qual funcionários do Cartório participavam do Café da Tarde, as 15 horas. Possuía uma grande mesa com cadeiras e meu pai sentava na cabeceira e minha mãe a sua direita e os menores de cada ao lado no princípio da mesa. Ali era servido o café da manhã para cada um em função de seus horários e no almoço todos juntos. No local do armário branco existia um guarda louça da usada diariamente, gaveta de talheres que todos os dias eram areados para serem usados no outro almoço. No início havia jantar, mais tarde substituído por um café reforçado, e aos domingos era servido um café com pastéis feito pela manhã, como folga para minha mãe que ia visitar sua mãe na chacinha. Que saudades dos bifés a milanesa croquetes e sobremesas que ela fazia manjar branco, montanha russa, o café era um vidro com tintura. Neste guarda louça eram guardados remédios de uso diário, e em especial os de meu pai diabético, injeção de insulina, adoçante dietéticos SACARINA e ali também o açucareiro para adoçarmos refrescos feitos de vinho e água ou limonadas na qual adicionávamos bicarbonato para efervescer. Mais tarde a esquerda da janela meu pai comprou uma geladeira a gás na qual eram conservados alimentos e eram feitos em formas picolés de framboesa. A mesa era usada a noite para jogos de cartas, escova, Sete e Meio e Burro ou Víspera em jogo chamada. Devagar se vai longe!.



Local onde passou a funcionar a nova cozinha depois da reforma. A esquerda no local da janela existia um armário, de duas portas que dava acesso para fora da casa com uma veneziana para servir de certa forma de refrigeração de alimentos. E a baixo dele a pia da cozinha com um torneira. E no local que aparece uma geladeira uma caixa com lenha e o um enorme fogão a lenha que já existia na antiga cozinha. E a direita uma mesa usada para o preparos de alimentos e acima um armário suspenso onde eram colocados produtos para temperar os alimentos, banha, sal, massa de tomate. E em cima dele eram colocados os bicos de chupar. E canecas de cada um dos filhos . Do lado esquerdo a porta da cozinha com acesso a rua, onde era colocado a lata de lixo e um balde para colocar lavagem. A cozinha era iluminada por enormes janelões de onde se contemplava ampla paisagem, inclusive a Chacrinha de minha vó Firmina, Junto estes janelões uma pequena mesa com tampo de mármore branco onde os empregados faziam refeições. Do lado de fora dos janelões uma estreita marquise de cimento armado e sobre ela arames para estender roupas e por longo tempo ali ficava presa pelo pescoço uma macaquinha.

A seguir Local onde funcionava a cozinha antes da reforma da casa. Constava de um fogão a lenha a direita de quem entrava e, depois um quarto onde dormi longo tempo como aluno do CFENSA. Do lado esquerdo uma cômoda antiga onde eram guardadas nossas roupas de menino e, também sala de costura, onde ficava a maquina de minha mãe. Menino usávamos uma calça curta com pequena abertura e com casas para 4 botões presos ao corpinho, uma espécie de camisa. E na maior simplicidade. A antiga cozinha possuía um grosso toco de madeira, sobre o qual existia uma enorme bacia, usada para a lavagem de louças em geral; cuja a água era atirada da janela sobre uma valeta, que escorria a água para o pátio onde era absorvida. Havia uma caixa de lenha, um barril com água para uso na cozinha e panelas. Lembro que nesta cozinha ao tirar os dente de leite eu os enrolava e atirava de baixo do fogão e que no outro dia um bruxa colocaria um presente. E nesta cozinha lembro do velho e cansado cachorro Jim.

Existia também na cozinha um paneleiro e lembro do dia que comprei uma réstia decebola branca com 100 réis.



Esquerda três janelas. A primeira onde era a sala de almoços de cerimônias e festas de aniversários das filhas meninas, e da porta meia envidraçada que dava acesso por um corredor ao interior da casa e dispo de campainha. As outras duas janelas correspondentes ao quarto de meus pais. E abaixo da última janela, um porão com ferramentas e materiais diversos e usados algumas vezes como prisões dos filhos meninos por faltas cometidas. Mais tarde usado por meu pai com o local de guardar os enormes livros de Registro de Imóveis. E data de pouco tempo sua ampliação transformação de escritório de advocacia de meu sobrinho Conrado Ernani Sherer Bento e hoje loja de Informática de seu genro. A Direita uma pequena área onde minha mãe cultivava flores e plantas. E da qual se tinha boa vista do pátio em torno do algibe. Onde aparece um carro, era o bem cultivado jardim da casa, onde encostado em seu muro que dava para rua passei horas me preparando para o exame de admissão ao Ginásio Gonzaga e onde eu lia as revistas O Cruzeiro de minha irmã

Marpha, Lembro do tempo que cultivávamos as flores 11 horas e plantávamos pedaços de galhos de roseiras. E ao final tinha um parreira de doces uvas brancas, junto a parede dos galpões de lenha e galiheiro.



Algibe construído pelo meu pai ao adquirir a casa nos anos 20 do século XX, sobre o qual na reforma dos anos 40 do citado século, foi erguido em castelo d'água com 4 colunas e sobre ele uma caixa d'água para distribuir a água pelas instalações hidráulicas da casa reformada. Castelo d'água e colunas não mais existentes em razão da existência de água encanada. A frente um balde embutido numa coluna que coletava para o algibe, por calhas, a água da chuva. Água que era obtida por bombeamento com bomba mecânica e mais tarde pelo mesmo processo era enchida a caixa d'água. Era um suplicio as vezes tentar encher a caixa d'água, para o que se contratava alguém e na falta tínhamos que encarar. Mais tarde meu pai mandou perfurar um poço e sua água era salobra e imprópria para beber. E por muito tempo a água para beber era fornecida por dois filtros de barro, com água comprada de aguateiros trazidas desde a Cacimba da Prata cuja foto aparece abaixo e que abastecia toda a cidade de Canguçu.



Na foto da página anterior local onde existia o jardim da casa, e onde aparece a entrada do estacionamento, era um muro voltado para a rua. O portão de grade não existia. O prédio rosa existia e era propriedade da família Prestes, bem como o terreno onde foi erigido o enorme edifício. A esquerda do prédio rosa, existia enorme muro fundos do Clube Harmonia, depois do Globo Hotel e a seguir da sede provisória da igreja matriz durante a sua reforma. Prédio derrubado para ser construído o atual como sede da Agência do Banco do Brasil e atualmente sede da Prefeitura. A parte superior do prédio rosa serviu de dependência do Globo Hotel e muito o frequentei quando ali residia meu amigo de infância Lori da Rosa Krusser. A parte inferior servia de garagem dos Prestes. ao seu lado uma construção que serviu de bar e de moradia.

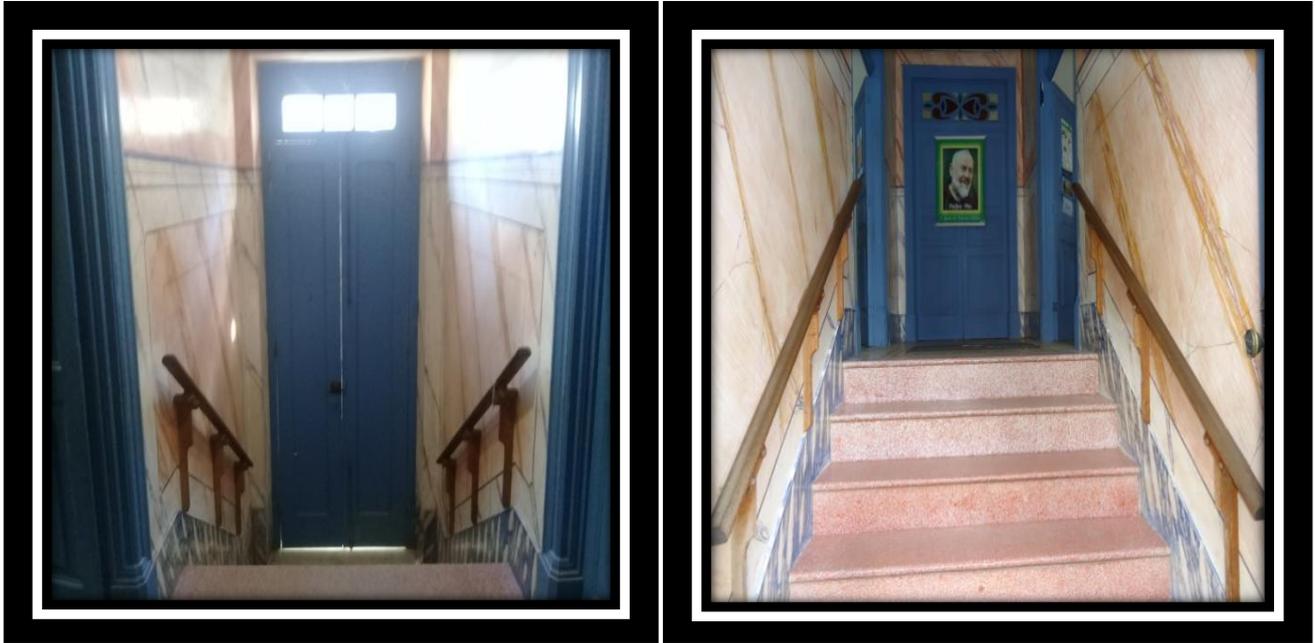


no ferro de passar roupa e nos fogareiros para esquentar no inverno. No local da abertura era uma entrada de ar para a adega, onde anualmente meu pai comprava uma pipa de vinho, o engarrafava e depositava na adega... Os filhos menores não podiam tomar vinho. Na foto da página anterior parte de pátio ao redor do algibe. E inexistia em meu tempo a parreira. No fundo existia um portão que dava acesso ao pátio. O piso era de terra e não revestido como aparece na foto.. Na altura do tanque que não existia dava acesso a um porão onde era guardado carvão usado



Nas fotos acima: A da direita, corredor que ligava a sala da casa, com o refeitório, em que a esquerda existiam dois quartos e na paredes lembro de uma montagem de fotos quando na infância de meus avós Genes Gentil e Noca. A esquerda um pequeno armário onde eram guardados produtos de higiene bucal e a sua frente um armário com tela que era conhecido como guarda comida, cuja chave ficava em poder de minha mãe e que guardava, ao que recordo, caixas com marmelada, que era elaborada com marmelos descascados num taxo de cobre sob um fogo a lenha, onde o produto depois de mexido com uma grande pá de madeira era considerado pronto e guardado em caixas no guarda comida e também em menor quantidade marmelada branca que era colocada para secar em cima do telhado do galpão e que ao correr dos dias ia diminuindo a sua quantidade por dali serem retiradas por seus filhos e neto José Leonardo. Existiam noutra horta de meu pai, na rua Bispo D. Otaviano, que possuía diversos marmeleiros que passaram a não mais produzir sob o efeito de cinzas de um vulcão. Ainda na foto a direita a porta de acesso ao jardim onde ao seu lado direita ficava o lavatório do rosto ao cada um levantar e o sabonete tipo uma bola suspensa e acima um espelho, e a esquerda a entrada para a dispensa onde existia enorme tulha onde meu pai guardava produtos diversos, inclusive fumo de rolo que ele recebia de presente. Nesta peça existia uma sapateira onde de um modo geral eram guardados sapatos, inclusive uma bota de cano duro de meu pai. E no centro um alçapão que dava acesso ao porão onde existia uma adega de vinhos engarrafados por meu pai. Na foto a esquerda o local onde funcionava a sala de jantar. E a esquerda um balcão e acima deles as fotos de meus avós maternos e paternos, hoje integrando o Museu Capitão Henrique Barbosa e para levados pela professora Marlene Barbosa Coelho, bem como uma foto de meu pai, seus irmãos, irmãs e pais hoje no citado museu. E inclusive uma foto do Dr Luiz Oliveira Lessa e Alda Barbosa Lessa. Afilhados de casamento de meus pais. Fotos de meus dois irmãos falecidos, fardados com ex-soldados do então 9º Regimento de Infantaria em Pelotas, Sala que sua parte voltada a rua existia um terno sofá e duas poltronas estufadas e a sua frente o raio da casa onde minha mãe assistia novelas por rádio. No fundo, a direita da porta que dava acesso ao quarto de meus pais uma Cristaleira contendo ao que lembro uma champagne sobra do casamento de meus pais a ser

aberta ao NE formar no ginásio. E na frente desta Cristaleira uma cadeira de balanço, E na parede acima cristaleira e na parede uma foto de perfil de minha mãe. Ainda nesta foto a direita uma porta metade com vidro fosco, na qual existia uma campainha e era o acesso em realidade da casa. Ao entrar na casa existia um cabide tipo chapeleira. No balcão eram guardados ao que lembro licoree e conserva que meu pai preparava.



A Esquerda acesso a casa construído na reforma no qual não existiam os corrimãos. A porta da esquerda acesso ao cartório geral e na da direita acesso ao cartório de meu pai onde ele noites seguidas fazia seções batendo a máquina. Lembro que em algumas ocasiões, ainda menino, o ajudei selando documentos, com selos que traziam impressas a figuras de meu avô Cel Genes e de meu tio avô Franklin Maximo Moreira e mais o selo de Saude E lado o atual acesso ao Cartório Bento tendo ao fundo gravura do Padre Pio. Neste cartório existia um dicionário que me encantava contemplar as bandeiras a cores de de todos os países e ver como eram bonita e original a bandeira do Brasil. Ali existiam cadernos para melhorar a caligrafia, na qual tanto eu como meu pais tínhamos dificuldades. Não existiam cola branca, canetas bic e as automáticas eram raras. Ali nos ocorriamos de papel almaço e penas de escrever para realizar provas no Aparecida e também usarmos tinteiros. Que enorme evolução. Os livros didáticos muitos poucos passavam de mão em mão.



Família nas Bodas de Ouro em 1963 de meus pais; Da frente para o fundo, da esquerda para a direita: 1ª fila Agostinho Viana e irmã Carmen Bento Viana, meus pais Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento, minha irmã Luiza Bento Bandarra. 2ª fila meu irmão José Moreira Bento e cunhada Yonne Maria Sherer Bento, minha irmã Marpha Bento Terres e cunhada Arani Régio Bento, minha irmã Maria Firmina Bento Rodrigues e marido Dr Onete Rocha Rodrigues, o autor e esposa Yolanda Stumpf Bento, meu irmão Jesus Moreira Bento e cunhada Zaida Manke Bento. 3ª fila meu cunhado Eng Agro Angelo Pires Terres e irmão Ernani Moreira Bento. Faltou na foto meu cunhado Altair Bandarra. Decorridos 54 anos em 2017 permanecem vivos os irmãos Marpha, José e o autor e as cunhadas Arani e Zaida.



Fotos dos irmão Bento defronte a casapaterna em 1948-1949 quando o autor concluía o Ginásial, no Ginásio Gonzaga em Pelotas. Da esquerda para a direita: Carmen Bento Vianna, Claudio Moreira Bento, Marpha Moreira Bento, Jesus Moreira Bento, Maria Firmina Moreira Bento, José Moreira Bento, Luiza Bento Bandarra e Ernani. Deles sobrevivem novembro 2017, Marpha Bento Terres, com 93anos, firme, forte. José Moreira Bento, com 88anos e Notario em Canguçu e o autor com 86 anos e exercendo a sua vocação prazeirosade historiador em especial do Exército e creio ser hoje o maior historiador brasileiro de todos os tempos e Aida servindo ao Exército ha 67 anos, como profissional e historiador militar.

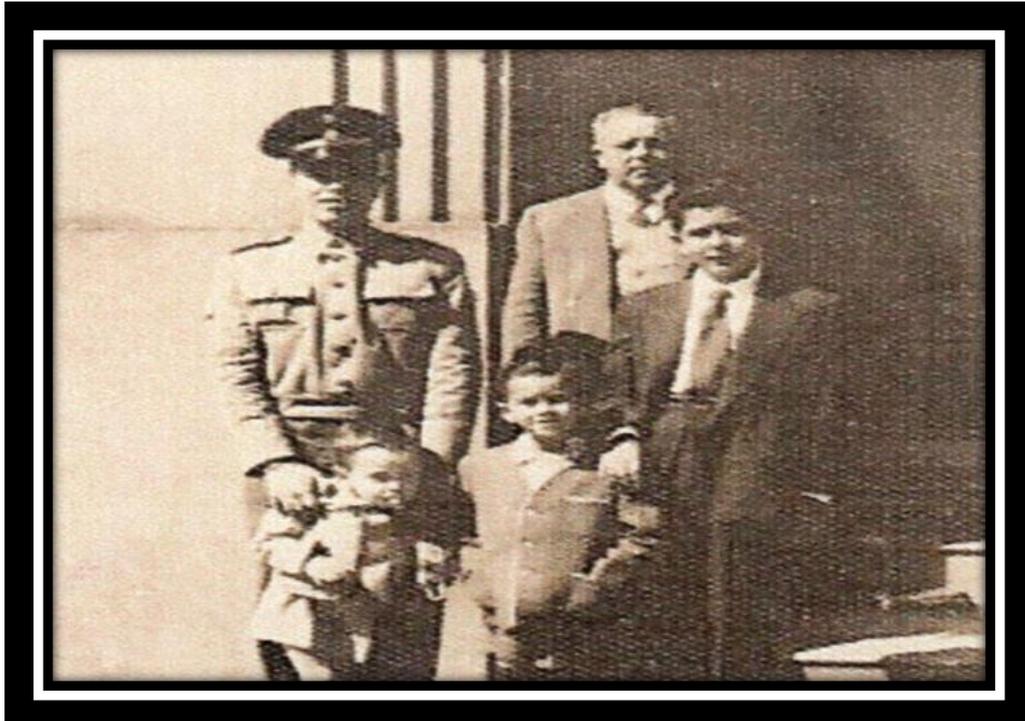


Foto defronte a casa paterna do autor como cadete da ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS 1953-1954 posando com meu pai então prefeito de Canguçu pela 3ª e última vez e seus netos Bento Bandarra, das esqueada para a direita Paulo e Ernani hoje médicos e Fernando Contabilista e filhos da casa Altair Mattos Bandarra e Luiza Bento Bandarra.



Homenagem aos meus irmãos Genes e Carlos falecidos depois de prestarem o serviço militar no início da década de 40 no século XX, durante a 2ª Guerra Mundial 1939/1945 Com o uniforme tipo Frances, influencia Missão Militar Francesa em nosso Exército. Prestaram Serviço Militar no então 9º Regimento de Infantaria em Pelotas, o hoje Regimento Tuiuti, o Regimento do Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Patrono da Arma de Infantaria em razão de ter estado a ele ligado desde a sua chegada no Rio Grande do Sul em 1845 a 1866 até a Batalha de Tuiuti onde foi a sua Vanguarda. Antônio de Sampaio que de 1845-1849 viveu em Canguçu no comando de uma companhia do seu Batalhão (o atual Batalhão Tuiuti cuja história abordei em meu livro em parceria com o cel Luiz Ernani Caminha Giorgis intitulado 8ª BRIGADA DE INFANTARIA MOTORIZADA Brigada Manoel Marques de Souza 2001, p.134/2001. O então Capitão Antônio de Sampaio casou em Jaguarão com uma filha de Canguçu D. - Julia dos Santos Miranda, ligada aos fundadores da Estância do Cristal. Convivi nas atividades do Batalhão Tuiuti em 1950, como soldado e cabo da 3ª Cia de Comunicações que acantonou no Regimento em 1950/1951.



Na página anterior o Stand Bar que alcancei na minha infância

Bodas de Ouro do casal Conrado Ernani Bento e Cacilda Moreira Bento - 1963



Netos da esquerda para a direita e da frente para o fundo: Conrado Ernani (Sherer) Bento, Genes Manke Bento; Carlos Norberto Stumpf Bento; Conrado Ernani Bento (avô); Ernesto Manke Bento; Cacilda Moreira Bento (avó), tendo no colo Fábio Régio Bento; Cláudio Bento Terres; Cláudio Stumpf Bento. Atrás, em pé: José Leonardo Bento Vianna; Antônio Augusto Stumpf Bento (no colo do autor); Fernando Bento Bandarra; Ricardo Bento Terres e Carlos Bento Bandarra.

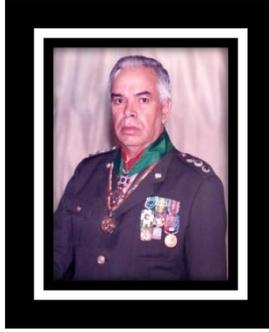
Ausentes: Jesus Martins Bento; Paulo e Ernani Bento Bandarra; Flávio Bento Bandarra (já havia falecido); Carlos Manke Bento e Ernani Régio Bento, que ainda não haviam nascido.



Netas, da esquerda para a direita e da frente para trás: Carmen Manke Bento; Márcia Sherer Bento; Flávia Régio Bento; Carla Sherer Bento (no colo do avô Ernani); Margarida Manke Bento; Marfa Manke Bento (no colo da avó Cacilda); Claudia Régio Bento e Marta Sherer Bento. Atrás: Inara Régio Bento; Mirian Sherer Bento; Angela Maria Bento Terres; Sílvia Virgínia Bento Viana e Beatriz Manke Bento.

Ainda não haviam nascido: Patrícia e Cacilda Manke Bento, Paula Sherer Bento e Renata Bento Rodrigues

CURRÍCULO CULTURAL SINTÉTICO DO CEL CLAUDIO MOREIRA BENTO EM OUTUBRO DE 2023



Veterano Cel Eng Claudio Moreira Bento Historiador e pensador militar. Memorialista e Jornalista

(X) Coronel Claudio Moreira Bento, nascido em Canguçu-RS em 19 out 1931. Filho de Conrado Ernani Bento e de Cacilda Moreira Bento. Turma Asp Mega Curso da Arma de Engenharia da Academia Militar Agulhas Negras em Resende –RJ 1955. Ingressou no Exército como Soldado em fevereiro de 195º Historiador e Pensador Militar, Memorialista e Jornalista. Sócio Benemérito do IGHMB, emérito do IHGB, acadêmico correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio correspondente das academias Real de História da Espanha, da Argentina e equivalentes do Uruguai e Paraguai. É o Presidente de Honra e acadêmico da Academia Duque de Caxias na Republica Argentina. Integrou como adjunto do Presidente a Comissão de História do Exército do Estado – Maior do Exército 1971/1974, na qual como historiador convidado pelo Chefe do Estado-Maior do Exército escreveu o artigo As Guerras Holandesas, da **História do Exército - Perfil Militar de um Povo**. Foi instrutor de História Militar na Academia Militar das Agulhas Negras 1978/1980 da qual é Professor Emérito. Academia sobre a qual escreveu 4 livros sobre sua História, além de diversos artigos. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985/1980. É autor de mais de 150 obras (Álbuns livros e plaquetas) disponíveis para serem baixados no site www.ahimtb.org.br e no Google, além de centenas de artigos na imprensa civil e militar, em grande parte disponíveis ou relacionados no citado site. Seu antepenultimo livro foi sobre **Marechal José Pessoa e seus méritos na Fundação de Brasília e os valores de sua modelar carreira no Exército**. Foi o idealizador e executor do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul constante de 24 livros, dos quais 21 em 1ed e 3 em 2ed, tendo como principal parceiro o historiador militar Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis. Presidiu como Diretor do Arquivo Histórico do Exército, comissão para estudar e propor a localização do Museu do Exército, a qual indicou o Forte de Copacabana. Comandou o 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá 1982-1982 onde criou o Museu Marechal Juarez Ravora. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1990. É Comendador do Mérito Militar, do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil e da Ordem João Simões Lopes Neto, por Lei da Câmara de Vereadores de Pelotas, além de diversas condecorações e distinções hoje expostas na Academia Canguçuense de História que fundou e presidiu. Trabalhou de 1957/59 e 1961/66 em Bento Gonçalves RS, na construção do Tronco Ferroviário Sul, considerado serviço de natureza nacional relevante. Fundou e presidiu as Academias Canguçuense, Piratiniense, Resendense e Itatiaense de História. É sócio dos Institutos Históricos e Geográficos do RS, SC, PR, SP, MG, PB, RN, CE e de Sorocaba, Petrópolis, Pelotas do CIPEL, em Porto Alegre e do IEV no Vale do Paraíba e correspondente das Academias de Letras do Rio Grande do Sul e da Paraíba e da Raul Leoni de Petrópolis. Possui 6 prêmios literários e possui artigos transcritos na Câmara Federal e nas assembleias legislativas de Goiás e Minas Gerais e na Câmara de Vereadores de Recife. Coordenou o projeto, construção e inauguração do Parque Histórico Nacional dos Montes Guararapes no Recife. E cidadão itajubense, itatiaense e resendense. Tem sido considerado

o maior historiador brasileiro de todos os tempos pelo volume e variedade de sua obra literária. Foi palestrante sobre História do Exército nas ESG, ECEME, IME, EsAO, AMAN, ESA e Escola de Instrução Especializada e nos CPOR de Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre e no NPOR de Pelotas, e Itajubá e Colégios Militares de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Recife e Campo Grande. Desenvolveu, em parceria com o historiador militar Luiz Fagundes, para ser lançado neste ano de 2022, Bicentenário da Independência, a obra **Os 78 anos da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, com Almanaque de todos os Aspirantes a Oficial masculinos e femininos formados por ela 1944-2021**. E ainda para o Bicentenário da Independência, a Biblioteca do Exército lançou seu livro **Duque de Caxias – o Patrono do Exército e a Unidade Nacional**, como contribuição do Exército às comemorações do Bicentenário da Independência. Em 1969, a convite do Exército dos EUA com a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército e com sua Turma de formandos, visitou por cerca de 30 dias as principais instalações do Exército dos EUA, inclusive no Canal do Panamá. Este ano complementou 92 anos de idade. Em seu site e no Google pode ser acessado seu livro digital **Meu legado historiográfico civil e militar não vivi em vão!** Aos 92 anos continua ativo e produzindo e publicando seus livros. Em função de sua carreira militar, já residiu em Pelotas, Porto Alegre, São Leopoldo e Bento Gonçalves-RS, Rio de Janeiro, Recife, Brasília, São Paulo, Itajubá-MG, Rio de Janeiro, Itatiaia –RJ e Resende –RJ, onde reside atualmente. Possui os cursos de Relações Públicas e Organização e Métodos pelo DASP em 1967 e 1968 e, o de Analista A. de Alto Nível pela extinta Escola de Informações da Presidência da República em 1975. Endereço: Rua Alfredo Whately, 365, Ed. Porto Aquarius, Cobertura 603 – Bloco B – Campos Elíseos, Resende-RJ, 27542-170. Site www.ahimtb.org.br. E-mail: bento1931@gmail.com.

Currículo autora da capa



Camila Karen Costa Santos Renê. Nasceu em 13 de novembro de 2001, filha de Daniel Renê de Oliveira e da pedagoga Josiane Costa Santos Renê. E possui a irmã Gabriela. Estudou no Colégio Estadual Olavo Bilac de 2012 a 2019 onde cursou o ensino fundamental e o ensino médio.

Trabalhou como secretária do Presidente da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) de 30 de outubro de 2017 a 20 de dezembro de 2019 e, a partir desta data, como secretária particular do historiador Cel Cádio Moreira Bento.

Cursa Direito na Associação Educacional D. Bosco (AEDB) desde Fevereiro de 2022.

Foi condecorada pela Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, como Cavaleiro do Mérito Histórico Militar Terrestre do Brasil, por sua destacada contribuição a História Militar Terrestre do Brasil e também como Colaboradora Emérita da extinta FAHIMTB.

Escreveu o livro digital **RELAÇÃO DE DIPLOMAS, MEDALHAS, TROFÉUS E ETC NO APARTAMENTO DO CEL BENTO EM RESENDE-RJ**, disponível no site www.ahimtb.org.br

Camila segundo o Cel Bento:

“Camila iniciou a trabalhar comigo aos 15 anos, em outubro de 2017, quando cursava o 1º ano do Curso Médio no Colegio Estadual Olavo Bilac. Trabalhou comigo na sede da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) que eu havia fundado em Resende-RJ em março de 1996, a qual foi logo acolhida pela Academia Militar das Agulhas Negras AMAN.

E convidei seus pais, por ser Camila menor, para ver onde ela trabalharia. Eu me responsabilizei por ela. Ela trabalhava 3 vezes por semana, a tarde. Pois de manhã cursava o Curso Médio.

E Camila logo demonstrou grande vontade de aprender. Era muito aplicada, responsável e respeitosa. E logo passou a dominar o computador como habil digitadora e digitalizadora. Não precisava mais que uma explicação. Ela captava logo e executava o solicitado e era muito estimada pelos funcionários da Biblioteca da AMAN que me apoiavam. E também passou a dominar por completo o uso do Celular.

Em 20 de Dezembro 2019 com a extinção da FAHIMTB, por falta de recursos para a manter, em razão da extinção de meu contrato de Prestador de Tarefa para escrever e publicar a História do Exército e rompimento do apoio financeiro que de longa data recebia da FHE-POUPEX, tive de fundar independente 5 AHIMTBs que até então eram subordinadas a FAHIMTB e na esperança que elas dessem continuidade ao trabalho da extinta FAHIMTB.

E passei a trabalhar, ou melhor, me divertir continuando a escrever sobre a História do Exército por conta própria. Pois quem faz o que gosta e sabe fazer, não trabalha se diverte!

E contratei Camila para comigo trabalhar de acordo com as Leis Trabalhistas, para que ela pudesse patrocinar seu estudos de Direito na Faculdade de Direito da Fundação Educacional D.Bosco, na qual vem se destacando por suas boas notas.

Depois de 6 anos é muita expressiva a contribuição da Camila para o desenvolvimento da História do Exército Brasileiro em especial. Por agilizar a produção de meus livros e artigos sobre História Militar e os encaminhando ao meu filho, o Veterano Capitão de Mar e Guerra Carlos Noberto Stumpf Bento, que desde a fundação da FAHIMTB criou e administra meu site www.ahimtb.org.br. Desenvolvimento rápido de meus Livros e Plaquetas, graças aos seus notáveis conhecimentos de Informática, que aprendeu sem curso e por curiosidade e do uso do Celular, além de realizar meus serviços de Bancos e Correios. Tudo com elevada presteza e dedicação exemplares.

Enfim, Camila tornou-se uma valiosa e prestimosa acessora deste historiador e jornalista. Desenvolveu uma boa capacidade e criatividade de fazer as capas de meus Livros e Plaquetas digitais e até estará sendo co-autora de alguns de meus livros digitais.

Esta é a jovem e dedicada Camila Karen que trabalha há 6 anos comigo e que a considero hoje uma espécie de bisneta do coração, pois até o momento não possuo bisnetos. Até ela respondeu todas as minhas perguntas sobre Informática e sobre o uso do Celular. Ela já construiu um belo nome, e votos de que ela continue a enriquecer o seu nome. Pois é muito importante em nossas vidas construir um belo e confiável nome.”